

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRESENCIAL E A DISTÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE MATEMÁTICA DE UMA IES PÚBLICA

Nadiane **Feldkercher** – UFPel

Maria das Graças C. da S. Medeiros Gonçalves **Pinto** – UFPel

RESUMO

O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório nos cursos de formação inicial de professores e, de certa forma, suas orientações legais têm como referência os cursos presenciais. Nesse trabalho, objetivamos investigar como se desenvolvem os estágios nos Cursos de Licenciatura em Matemática a Distância e Presencial de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na perspectiva de professores orientadores, coordenadoras de pólo e alunos estagiários. Utilizamos a abordagem qualitativa e a entrevista individual como instrumento de coleta de dados. Alguns resultados: a organização curricular do estágio é idêntica nos dois cursos; os estagiários do Curso a Distância são mais assessorados quanto à orientação e acompanhamento do estágio; há um maior número de profissionais envolvidos no estágio do Curso a Distância, tais como tutores da sede, coordenadoras e tutores do pólo; existem inúmeras limitações no desenvolvimento do estágio nos dois cursos; os estagiários dos dois cursos concebem o estágio como o momento de colocar em prática as teorias e como um momento de aproximação ao futuro campo de atuação. Ressalta-se, entretanto, que existem mais convergências do que divergências no desenvolvimento do estágio entre os dois cursos, o que é no mínimo curioso.

PALAVRAS-CHAVE: formação inicial de professores; estágio curricular supervisionado; licenciatura em matemática a distância; licenciatura em matemática presencial.

Fundamentos balizadores do estudo: situando o tema

Um dos componentes que constitui qualquer curso de formação inicial de professores é o estágio curricular supervisionado, o qual é tomado como objeto deste trabalho. O estágio na formação de professores, segundo Lima (2009), é caracterizado pela aproximação do estagiário com a profissão docente, com profissionais da educação e com práticas docentes. Já para Leite; Ghedin e Almeida (2008), no processo formativo do profissional professor é necessário reconhecer o “estágio como um elemento fundamental na formação profissional e como um dos espaços privilegiados para a

formação do docente na concepção do professor crítico-reflexivo e na constituição dos saberes docentes necessários” (p. 33).

No Parecer do CNE/CP nº 28 de 2001 o estágio curricular supervisionado é caracterizado como

[...] o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular supervisionado. (BRASIL, 2001, p. 8)

Assim, em cursos de formação de professores, o estagiário permanecerá por um determinado período na escola e/ou em sala de aula sendo supervisionado pelo professor da escola básica e orientado pelo professor da universidade a fim de aproximar-se do seu futuro campo de atuação, da profissão do professor e de suas práticas. As aproximações entre esses sujeitos devem possuir o caráter de uma relação pedagógica, devem assumir-se como sendo um trabalho orientado no sentido de proporcionar o aconselhamento, a partilha de saberes, a complementação de práticas pedagógicas, a busca de solução para os problemas e o diálogo entre os profissionais reconhecidos e o aluno estagiário (PIMENTA; LIMA, 2004).

Com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica¹ e da Resolução CNE/CP nº 2/2002² as discussões sobre o estágio na formação de professores se ampliaram, pois essas orientações exigiram que esse componente curricular tivesse 400 horas, iniciasse na segunda metade do curso e fosse desenvolvido em escola de Educação Básica. Percebeu-se, então, que essas orientações desestabilizaram, muitas vezes positivamente, os modelos de cursos de formação de professores existentes, ainda inspirados no esquema 3+1, e instigaram pesquisas referentes a essas “inéditas horas” (DIAS-DA-SILVA, 2005).

A Resolução CNE/CP nº 1/2002 propõe ainda que o estágio seja “avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio” (Art. 13, § 3º). Além disso, a Lei nº 11.788/2008, que dispõe sobre o estágio obrigatório e não obrigatório de

¹ Resolução do CNE/CP nº 1/2002.

² Instituiu a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores.

estudantes, destaca que o estágio deva “ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente” (Art. 3º, § 1º). Assim, essas orientações reconhecem o papel formativo exercido pelo profissional formado que recebe o estagiário - no caso dos cursos de formação de professores, o professor da escola básica.

Via de regra, as orientações legais, inclusive as que dizem respeito ao estágio curricular supervisionado, são pensadas e elaboradas tendo como base os cursos presenciais de formação de professores. Ante essa e outras constatações, começamos a nos questionar quanto ao desenvolvimento do estágio curricular em um curso de formação de professores a distância.

Segundo o Decreto nº 5.622/2005, que regulamenta a educação a distância no Brasil, o estágio obrigatório em qualquer curso a distância deve ser desenvolvido de forma presencial. Dessa forma, indagamo-nos: como seria o desenvolvimento do estágio para um aluno de curso a distância e para um aluno de curso presencial? O aluno a distância encontra dificuldades para a realização do estágio? Ou será que o aluno a distância possui um maior acompanhamento para desenvolver seu estágio, visto que conta com o apoio do professor orientador, do tutor à distância, do tutor presencial, da coordenadora de pólo e possui o material didático³ de cada disciplina?

Com essas inquietações organizamos um levantamento sobre os estudos referentes ao estágio na formação de professores e, mais especificamente, na formação de professores a distância. Esse levantamento perpassou os artigos publicados na Revista Brasileira de Educação (2003 a 2009), na Revista Educação & Sociedade (2003 a 2009) e os painéis do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (2006 e 2008). A partir disso, percebemos que muitos são os estudos que abordam a formação de professores; parece estar em ascensão os estudos referentes à formação de professores a distância e ao estágio na formação de professores e; não encontramos estudos sobre estágio em cursos de formação de professores a distância.

Perante todas essas circunstâncias, objetivamos, nesse trabalho, **investigar como se desenvolvem os estágios nos cursos de licenciatura em matemática à distância e presencial de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na perspectiva de professores orientadores, coordenadoras de pólo e alunos estagiários.** Preocupamo-

³ Material preparado para ser utilizado durante o desenvolvimento de cada disciplina; apostila.

nos ainda em compreender como ocorre a orientação dos estágios e quais as convergências e divergências entre os estágios dos referidos cursos.

Adotamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Tivemos como colaboradores da pesquisa⁴ quatro professores orientadores, três coordenadoras de pólo e doze alunos estagiários vinculados ao Curso de Licenciatura em Matemática Presencial (CLMP)⁵ ou ao Curso de Licenciatura em Matemática a Distância (CLMD)⁶. Vale ressaltar que os dados foram coletados no segundo semestre de 2009, através de colaboradores que se vinculavam com a disciplina de Estágio de Matemática II no CLMP⁷ e Prática de Ensino de Matemática II no CLMD⁸. Destaca-se ainda que os colaboradores do CLMD faziam parte da primeira edição do CLMD a qual adotou características distintas das edições posteriores desse Curso (como, por exemplo, aulas presenciais nos pólos no início do Curso).

Cabe destacar que nos dois cursos sempre existem dois professores orientadores responsáveis pelas disciplinas de estágio, sendo um da área da Matemática e outro da Educação. Outro destaque é o diferencial do CLMD que tem em sua estrutura a sede e os pólos educacionais. Os profissionais que atuam na sede são: o coordenador do curso, os professores das disciplinas, os tutores da sede, funcionários e uma equipe de apoio técnico. Nos pólos educacionais existem as coordenadoras de pólo, os tutores do pólo e um técnico em informática. Assim, enquanto que no CLMP são os professores orientadores que fazem as visitas supervisionadas aos estagiários no CLMD são as coordenadoras e tutoras de pólo que desenvolvem esse trabalho.

Os estágios nos Cursos de Licenciatura em Matemática: configurações e limites

⁴ Para preservar as identidades usamos nomes fictícios definidos aleatoriamente e respeitando o gênero dos sujeitos.

⁵ Turma do diurno.

⁶ Trabalhamos com a primeira turma do CLMD, pertencente ao projeto Pró-Licenciatura (Pró-Lic) - Fase I, mais especificamente com três pólos educacionais localizados no RS.

⁷ Configuração do ECS no CLMP: Trabalho de Campo I (85 h – 5º semestre); Estágio de Matemática I (136 h – 6º s.); Trabalho de Campo II (85 h – 7º s.) e Estágio de Matemática II (136 h – 8º s.).

⁸ Desenho do ECS no CLMD: Trabalho de Campo I (85 h – 5º semestre), Prática de Ensino de Matemática I (136 h – 6º s.), Trabalho de Campo II (85 h – 7º s.) e Prática de Ensino de Matemática II (136 h – 8º s.).

Tendo como base a nossa compreensão de estágio curricular supervisionado em cursos de formação de professores e a partir das falas dos colaboradores da pesquisa, organizamos quatro categorias de análises comuns a todos os colaboradores e uma categoria específica aos estagiários que são, respectivamente, **organização do estágio, orientação do estágio, avaliação do estágio, limitações do estágio e sensações produzidas pelo estágio**, as quais passamos a apresentar.

A **organização do estágio** nos dois cursos é bastante similar, quase idêntica. Nesses cursos a carga horária do estágio corresponde a 442 horas sendo que essas são distribuídas em 4 componentes curriculares com a mesma carga horária e objetivos. Em ambos, o estágio inicia a partir da segunda metade do curso e é desenvolvido em escola de Educação Básica, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Essa organização do estágio é constatada na seguinte fala: *O estágio no CLMD começa no 5º semestre - que é a segunda metade do curso. Nesse semestre tem a disciplina de Trabalho de Campo I, que é a preparação para regência de classe no Ensino Fundamental: os alunos vão até a escola, conhecem a escola, conhecem a turma que pretendem realizar o estágio, o professor regente da disciplina de matemática, analisam o Projeto Pedagógico - PP da escola, vêem no plano de estudo quais conteúdos terão que ministrar. A regência de classe no Ensino Fundamental ocorre no 6º semestre e chama-se Prática de Ensino de Matemática I. Depois os alunos fazem o mesmo procedimento para o Ensino Médio: Trabalho de Campo II e Prática de Ensino de Matemática II (Professora Kátia CLMD)*. Observamos que as características assumidas pelos estágios do CLMD e CLMP estão de acordo com as orientações das Resoluções CNE/CP nº 1 e 2/2002.

Segundo relato dos colaboradores da pesquisa do CLMD, os estagiários não tiveram dificuldades para desenvolver seus estágios ou para encontrar escolas que aceitassem alunos de cursos a distância, como expresso nesse relato: *Não tive problema [no estágio] por ser um curso a distância [...] Tive todo o apoio da direção, dos funcionários, sempre no que precisei. Não tive nenhum problema, nem com os alunos (Estagiária Helena CLMD)*. Também não foram identificados aspectos particulares na realização do estágio em cada pólo, ou seja, o desenvolvimento do estágio nos três pólos estudados foi igual.

A maioria dos colaboradores da pesquisa destacou como positiva a experiência de desenvolver o estágio tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio,

conforme demonstram os relatos: *No segundo estágio eles já estavam bem mais firmes, seguros (Coordenadora Leonice CLMD); É importante fazer os dois estágios, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, para comparar, ver com que público tu vai te adaptar melhor enquanto professor (Professora Kátia CLMD); No primeiro estágio todos colegas reclamavam e eu tinha uma excelente turma. Eu sabia que poderia encontrar uma turma ótima e uma nem tão boa. Então, a turma do segundo estágio não foi tão excelente (Elis CLMD).*

Segundo os colaboradores, realizar primeiro o estágio no Ensino Fundamental preparou melhor os estagiários para as atividades no nível médio, além de possibilitar conhecimento do público alvo de cada nível de ensino. Essa avaliação positiva pode ser verificada na seguinte fala: *No Estágio II, já me senti melhor como professor, talvez por interferência do Estágio I, por ele já ter me preparado (Estagiário Lucas CLMP).*

Nos dois cursos existe a orientação de os alunos desenvolverem a regência de classe durante o período de um bimestre ou um trimestre, dependendo do calendário da escola. Esse aspecto é positivo visto que, assim, o estagiário tem a possibilidade de iniciar e concluir determinadas tarefas e conteúdos com a turma com a qual desenvolve a regência de classe. Fazendo isso ele pode ter uma breve referência da complexidade que envolve o trabalho docente (LEITE; GHEDIN; ALMEIDA, 2008). Entretanto, alguns entraves - como a gripe A⁹, as constantes chuvas - impediram que essa orientação fosse cumprida em sua totalidade.

Uma crítica perceptível dos colaboradores dos dois cursos foi o fato de que muitas vezes o projeto de ensino que se desenvolve no Trabalho de Campo não pode ser seguido, tendo em vista vários fatores, com destaque para a necessidade de troca de escolas - como expressa essa fala: *alguns alunos observaram numa escola e não puderam estagiar nessa escola (Professora Fernanda CLMP).* Muitos estagiários desenvolveram a regência de classe em uma escola diferente da qual realizaram as observações, em uma distinta turma para a qual tinham desenvolvido o projeto de ensino. Esse fato ocorreu devido a limitações das escolas, incompatibilidade de horários, dentre outros. Porém, destacamos que esse seria um ponto a ser revisto para um possível desenvolvimento do estágio de forma mais proveitosa, pois, conforme

⁹ Doença respiratória aguda que afetou muitas pessoas no inverno de 2009 no Brasil, especialmente no Sul. Assim, muitos estabelecimentos, como escolas e universidades, tiveram que suspender suas atividades por um determinado período, o que influenciou no desenvolvimento dos estágios no contexto pesquisado.

apontam as críticas, a maneira como esses fatos vêm sendo conduzidos não colabora para que os alunos atinjam os principais objetivos do estágio.

Uma diferença percebida quanto à organização dos estágios nos dois cursos diz respeito ao nome do componente curricular que objetiva a regência da classe: enquanto que no curso no presencial é chamado de Estágio (I e II), no curso a distância é chamado de Prática de Ensino (I e II), porém, as duas disciplinas possuem o mesmo propósito, a mesma organização, inclusive com a mesma carga horária.

Um diferencial do CLMD em relação ao CLMP é que os estagiários desse curso desenvolvem o estágio inclusive na zona rural e na periferia, o que não é comum nos cursos presenciais - Santos; Brand e Zamperetti (2009) observaram em seus estudos que normalmente os estágios não são desenvolvidos na zona rural ou em periferias.

De forma geral, percebe-se que nos dois cursos predomina um modelo tradicional de estágio: observação, planejamento e regência de classe. Nenhum dos cursos adota uma proposta inovadora para o desenvolvimento do estágio. Percebe-se também que nos dois cursos o estágio é focado prioritariamente na docência em sala de aula, não abordando aspectos da gestão escolar ou atuação em ambientes não escolares. Essa priorização da docência em sala de aula durante o estágio também foi constatada nos estudos de Azevedo e Abib (2008).

Quanto à **orientação do estágio**, destacamos que mesmo que a maioria dos estagiários não perceba, essa inicia com o Trabalho de Campo I. Nesse âmbito são feitas leituras e encaminhamentos para que os estagiários comecem as atividades de estágio nas escolas.

Nos dois cursos, os três grupos de colaboradores enfatizaram que a orientação do estágio ocorre principalmente pela procura dos estagiários sendo que os possíveis orientadores (professores, tutores de sede, coordenadora de sede) ficam a disposição, como ilustrado a seguir: *A orientação ocorria mais pela procura dos alunos, marcávamos por e-mail com o professor um encontro (Estagiária Carolina CLMP).*

Nas falas dos colaboradores dos dois cursos o acompanhamento do estágio pareceu estar mais vinculado ao orientador do curso de matemática. O orientador vinculado ao Departamento de Ensino da FaE esteve ausente na maioria das falas dos colaboradores. A proposta de trabalho cooperativo no acompanhamento dos estágios curriculares supervisionados, destacada nos PPs dos Cursos, pode não estar sendo totalmente efetivada.

A orientação que o estagiário recebe após a visita supervisionada foi apontada como significativa pelo fato de ser um retorno aos estagiários, como também, poder possibilitar melhoras no trabalho pedagógico desenvolvido pelos alunos, como revela essa fala: *Depois que as tutoras e coordenadora de pólo fazem a visita elas vêm e dizem o que a gente fez, onde pecamos, o que está bem (Estagiário Pedro CLMD).*

Foi indicado ainda que o professor titular de escola básica pouco acompanha o trabalho desenvolvido pelo estagiário, como evidenciado nessa fala: *No geral os professores titulares orientavam muito pouco os estagiários [...] Raros foram os casos em que o professor titular assistia a aula dos estagiários. A maioria deixava o estagiário a vontade e aguardava na secretaria ou fazia seus planejamentos (Coordenadora Denise CLMD).* Normalmente o professor titular se afasta, fica ausente da sala de aula quando recebe um estagiário. Ante esse aspecto pode-se entender que tanto o professor titular quanto o professor da universidade não consideram o professor da escola básica como um orientador de estágio. Esta tendência diverge do Parecer CNE/CP nº 28/2001 que orienta que o professor da escola básica seja um supervisor do estagiário. É preciso, então, que o professor titular conscientize-se que pode tanto orientar quanto aprender com o estagiário e que a universidade pense e desenvolva estratégias para reconhecer o papel do professor titular para com a formação dos professores. E será que o acompanhamento e a orientação, por parte do professor titular ao estagiário, imprimem ganhos à formação inicial desse professor? De outra forma, quais são os motivos que levam o professor titular a se afastar da sala de aula quando recebem um estagiário?

Uma das divergências quanto à orientação do estágio nos dois cursos é o fato de a mesma ser desenvolvida presencialmente entre orientador e estagiário no CLMP e via tecnologias entre orientador e estagiário no CLMD. Dessa forma, os alunos do CLMD preferem buscar orientações junto aos tutores e coordenadora de pólo visto que esses se encontram diariamente no pólo educacional, como expressa esse depoimento: *As tutoras e a coordenadora do pólo estavam sempre no pólo. A qualquer hora você poderia tirar as dúvidas (Estagiária Elis CLMD).* Os tutores e coordenadora de pólo tiram dúvidas dos estagiários, orientam-nos na elaboração dos planos de aula e conversam após a visita supervisionada. Assim, os estagiários do CLMD possuem um acompanhamento mais próximo ou tem maiores oportunidades de orientações em relação aos alunos do

CLMP, visto que esses últimos só têm orientação se agendarem um dia com o orientador.

O tutor da sede não foi destacado como um possível orientador das atividades de estágio pelos colaboradores do CLMD. Conhecendo as funções desempenhadas pelo tutor da sede como, por exemplo, a função de revisar os planos de aula postados pelos alunos, percebe-se que o mesmo também é um orientador das atividades desenvolvidas pelo estagiário, porém, nos discursos, esse profissional ficou ausente.

Outra questão a se realçar é que os professores orientadores do CLMD trabalharam os quatro componentes referentes ao estágio com essa primeira turma. Os tutores de pólo e a coordenadora de pólo - os quais realizaram as visitas supervisionadas – também foram os mesmos no CLMD durante as 4 disciplinas do ECS. Já os professores orientadores de estágio do CLMP não foram os mesmos em todas as disciplinas, além de que, durante uma mesma disciplina ocorreu a troca de professores. Esse fato fez com que os estagiários do CLMD sentissem um maior acompanhamento de suas atividades bem como confiassem no trabalho desenvolvido por esses profissionais responsáveis pela orientação de estágio.

Ainda quanto à orientação de estágio no CLMP e CLMD é possível realçar que, de uma forma ou outra, os professores orientadores de estágio, professores titulares da escola básica, coordenadora de pólo, tutores de pólo e da sede todos desenvolvem a função de orientar ou supervisionar, mesmo que os estagiários não os reconheçam como tal. Essas análises feitas quanto à orientação dos estágios no CLMD e no CLMP nos permitem concordar com Azevedo e Abib (2006, p. 7) ao expressarem que “a forma em se realizar esta orientação e este tutoramento, podem melhor preparar os futuros professores para a docência”. Nesse sentido apontamos à possibilidade de serem realizadas outras pesquisas que demonstrem essa hipótese com maior precisão.

Os instrumentos utilizados para a **avaliação do estágio** nos dois cursos foram os mesmos: projeto de ensino, visitas supervisionadas e relatório. Portanto, os instrumentos usados para a avaliação são os tidos como tradicionais, ou seja, nem o CLMP nem o CLMD inovaram quanto ao método de avaliação dos estágios.

Nos dois cursos a entrega do relatório referente à regência de classe significou o fim do estágio. Ante essa limitação colaboramos com Rela; Rocha; Carvalho (2007) ao ponderarem que

Os cursos de formação de professores não podem mais propor espaços isolados para a experiência prática, que faz com que, por exemplo, o estágio se configure como algo com finalidade em si mesmo e se realize de modo desarticulado com o restante do curso. Neste sentido, cabe aos professores planejar a organização curricular de forma a possibilitar a articulação entre o saber e o saber fazer. Neste sentido, propor oficinas, seminários, grupos de trabalho supervisionado, com vistas a promover e ao mesmo tempo exigir dos futuros professores atuações diferenciadas, diferentes modos de organização do trabalho, possibilitará a vivência e o desvelamento de diferentes competências. (p. 35)

Acreditamos que o desenvolvimento de atividades de reflexão e sistematização após a regência de classe proporcionaria aos estagiários, outra formação, outro modo de perceber a prática docente e a profissão do professor, visto que essas atividades seriam orientadas por professores reconhecidos e experientes.

O professor titular da escola básica não avaliou o estagiário em nenhum dos cursos, o que contraria a orientação da Resolução CNE/CP nº 1 de 2002 ao destacar que o estágio “deve [...] ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio”.

Além disso, nenhum dos cursos deu retorno do estágio às escolas campo tomando-as apenas como um espaço para o desenvolvimento de uma atividade obrigatória para a formação de professores. Ante esse fato, ajuizamos como Fazenda (1991) que embora “existam vários bloqueios ao nosso trabalho, desde o de ordem política, até as questões burocrático-administrativas, penso que é dever da Universidade discutir com a rede de ensino algumas experiências desenvolvidas em seu âmbito” (p. 61).

Um aspecto que se destacou no CLMD, que não ocorre no CLMP, foi o fato de que todos os planos de aula dos estagiários eram revisados antes de serem aplicados, como destacado nessa fala: *O plano de ensino e os planos de aula postados no moodle eram avaliados. A gente avaliava e disponibilizava a nota para que eles tivessem o retorno de como estavam indo. (Professor Anderson CLMD)*. Essa revisão dos planos pode adquirir um caráter significativo para a formação desses professores e pode contribuir para o aperfeiçoamento das práticas docentes dos estagiários. Os tutores da sede eram responsáveis por este trabalho, apesar de não terem sido mencionados pelos colaboradores.

Uma das divergências quanto à avaliação dos estágios nos dois cursos é que no CLMD esse processo envolve mais sujeitos. Enquanto que no CLMP, normalmente, só um orientador avalia, no CLMD a avaliação é feita pelo professor orientador, pelos tutores de sede (mesmo que os mesmos não tenham sido lembrados pelos colaboradores), pelos tutores de pólo e pela coordenadora de pólo. Dessa forma, pode-se dizer que a avaliação do estágio no CLMD é feita de forma cooperativa envolvendo mais de um profissional. A visita supervisionada do estágio no CLMD é feita por no mínimo dois profissionais - a coordenadora de pólo com formação em pedagogia e o tutor de pólo com a formação em matemática - que tem como tarefa avaliar os estagiários tanto em relação a aspectos pedagógicos quanto ao domínio do conteúdo de matemática - o que parece estar sendo cumprido. E terá esse tipo de avaliação algum destaque em relação à avaliação feita por somente um profissional formado em matemática?

No CLMP normalmente os professores orientadores têm dificuldades para realizar as visitas supervisionadas aos estagiários e, portanto, estas variam em quantidades de zero a dois. No CLMD as visitas, feitas pela coordenadora de pólo e tutora de pólo, têm frequência de 1 a 3. Os alunos do CLMP e os próprios professores reconhecem que a quantidade de visitas é limitada ou insuficiente, como destacado nesse fragmento: *No Estágio II o professor da matemática foi uma vez na escola, eu acho isso pouco. Ele deveria ter ir pelo menos no início e no final pra ver a evolução do aluno (Estagiária Ana CLMP).*

No CLMD as visitas supervisionadas possuem um peso, uma nota enquanto que no CLMP, segundo os orientadores, a visita serve como um apoio para a avaliação do aluno, não possuindo especificamente um peso. Provavelmente o CLMD atribui um peso a regência de classe por serem outros profissionais que avaliam os trabalhos escritos. Por outro lado é possível nos questionarmos sobre a não atribuição de um peso à regência de classe no CLMP: estaria a “teoria” tentando sobrepor-se à “prática”? Ou os orientadores não estão tendo condições de realizar da maneira como gostariam as visitas?

As **limitações do estágio** foram similares no CLMP e no CLMD. Dentre as principais limitações destacam-se as normas da CRE, as regras estabelecidas pelas próprias escolas, a divergência entre os calendários das escolas e da universidade, a gripe A, a dificuldade dos alunos em elaborar planos de ensino, a dificuldade de locomoção para as escolas por parte dos estagiários e dos professores responsáveis pelas

visitas, o pouco contato do professor orientador vinculado ao Departamento do Ensino com os estagiários, o comportamento dos alunos da escola básica, as especificidades do ensino noturno e o cursar outras disciplinas juntamente com as disciplinas referentes ao estágio.

As limitações específicas ao CLMP foram as freqüentes trocas de professores orientadores de estágio, a dificuldade do professor orientador fazer a visita supervisionada e a falta de um acompanhamento/orientação mais próximo do estagiário. Essas limitações, principalmente segundo os estagiários, restringiram suas possibilidades de desenvolver um trabalho de estágio com maior qualidade.

As limitações particulares ao CLMD que foram destacadas especialmente pelas coordenadoras de pólo foram a falta de escolas no município para o desenvolvimento dos estágios e a falta de formação das tutoras de pólo e da coordenadora de pólo para atuarem no estágio.

As inúmeras limitações apontadas, muitas vezes comuns à realização do estágio em qualquer contexto, demonstram a necessidade de estudos que possam traçar alternativas para essas questões.

As **sensações produzidas pelo estágio** nos estagiários são idênticas nos cursos; não foi identificado nenhum aspecto que tivesse ênfase ou exclusividade em um deles. Teve proeminência entre os estagiários que o estágio é o momento de colocar em prática tudo o que se aprendeu até então, como expresso no seguinte depoimento: *O estágio é hora de a gente conciliar teoria que a gente vê em sala de aula com a prática. É hora de a gente colocar teoria na prática (Estagiária Helena CLMD).*

A maioria dos estagiários não consegue perceber a dimensão prática de seus cursos. Para os mesmos a prática é a regência de classe. Percebe-se, assim, que possivelmente existe uma carência no entendimento do que é teoria e do que é prática para esses colaboradores. De outra forma, indica-se a necessidade da recuperação da concepção de indissociabilidade entre teoria e prática na formação de professores (PIMENTA; LIMA, 2004) e da idéia de que o estágio não é o momento de aplicação de teorias ou ainda que as escolas/turmas não são laboratórios de aplicação (MARCELO GARCIA, 1999).

Por outro lado muitos estagiários mencionaram que o estágio possibilitou-lhes reafirmar a escolha profissional, aproximarem-se da escola, da sala de aula e da profissão docente - o que, segundo Lima (2009), é o desejado para o estágio. Essas aproximações proporcionadas pelo estágio podem ser identificadas no seguinte

depoimento: *Foi uma experiência impar que me proporcionou o contato com a realidade, uma sala de aula, com da profissão do professor de matemática (Estagiária Helena CLMD).*

Quando os estagiários iniciaram a regência de classe relataram que sentiram insegurança e nervosismo, o que foi desaparecendo no decorrer das aulas. De outra forma, com o andamento das atividades de estágio muitos estagiários se decepcionaram, ou ficaram surpresos com o que ocorre ou deixa de ocorrer no dia-a-dia da escola básica. O comportamento difícil dos alunos e a “matação” de aula no ensino noturno foram os aspectos que mais desmotivaram os estagiários. Mais uma vez, é possível compreendermos o estágio como um território de conflitos, estando evidenciado nos alunos o choque destes com a realidade da escola, o que demonstra o provável distanciamento entre universidade e escola básica (FERNANDES; SILVEIRA, 2007).

Para o momento, sínteses finais

De forma geral, perceberam-se mais convergências do que divergências no desenvolvimento do estágio curricular supervisionado no CLMP e no CLMD. Por mais que um curso seja ofertado na modalidade presencial e outro na modalidade a distância, ambos adotam a mesma organização para o estágio no desenho curricular. E, será que a adoção do mesmo modelo de desenvolvimento de estágio para os dois cursos é o ideal? Não deveriam existir modelos de estágio próprios aos cursos presenciais e à distância? Se a dinâmica de funcionamento de um curso a distância é diferente daquela de um curso presencial (o CLMD é desenvolvido basicamente via *moodle*, webconferência, vídeo aulas e material impresso e o CLMP tem como base as aulas presenciais e materiais didáticos) porque os estágios dessas duas modalidades de formação são similares?

As divergências do desenvolvimento do estágio nos dois cursos ocorrem principalmente pelo fato de o CLMD contar com alguns profissionais (coordenadora de pólo e tutores de pólo) e com um investimento financeiro do ProLic que não existem no curso presencial. Dessa forma, foi possível perceber que, quanto à orientação do estágio

os alunos do CLMD sentem-se mais assessorados do que os do CLMP por terem o contato diário com os tutores de pólo e com a coordenadora de pólo, o que não acontece na relação dos estagiários do CLMP com seus professores orientadores.

Assim, a partir das percepções dos colaboradores dessa pesquisa, aponta-se a necessidade de se repensar o modelo de orientação ou acompanhamento de estágio adotado principalmente no CLMP. Talvez seja necessário um maior número de profissionais trabalhando com a orientação de estágio ou um projeto que aproxime mais universidade e escola e considere o professor titular da escola básica como um orientador essencial para a formação inicial desses professores.

Quanto ao desenvolvimento do estágio no CLMD ficam algumas indagações: o estágio ocorre de forma presencial somente pela exigência do Decreto nº 5.622/2005? E, para além do Decreto, por que o estágio no CLMD não ocorre a distância? Ou ainda, qual é a concepção de estágio que perpassa o projeto de formação de professores do CLMD? Será o estágio no CLMD “o momento” para se mostrar que o curso é de formação de professores? O estágio estaria sendo assumido como “o momento decisivo” para a formação desses professores?

Poderia esperar-se que o CLMD apresentasse um modelo de estágio diferente do modelo que temos como tradicional: observação, planejamento e regência de classe - modelo que é executado tanto no CLMP quanto no CLMD. Parece que o CLMD (como também o CLMP) não pensou em alternativas ou em uma maneira própria para o desenvolvimento do estágio. Um novo modelo de estágio adotado pelo CLMD poderia ser um provocador de mudanças para o estágio em cursos de formação de professores presenciais no momento em que propusesse novas metodologias ou novas formas de desenvolvimento.

A realização desse estudo fez-nos perceber a necessidade do desenvolvimento de pesquisas abordando esse tema, inclusive com proposições que contribuam para superar uma visão ainda conservadora sobre o papel dos estágios obrigatórios em cursos de formação de professores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. A. R. de; ABIB, M. L. V. dos S. Os estágios supervisionados e os estilos de orientação. In: **Anais do XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE**. Recife - PE: Editora da UFPE, 2006. p.1-12.

AZEVEDO, M. A. R. de; ABIB, M. L. V. dos S. O papel do professor formador frente os cenários educacionais no seu trabalho de orientação de estágios. In: **XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE**. Porto Alegre - RS: Edipucrs, 2008. p. 1-15.

BRASIL. CNE. CP. Resolução nº 1, de 18 de fevereiro de 2002: **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.**

BRASIL. CNE. CP. Resolução nº 2, de 19 de fevereiro de 2002: **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.**

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008: **Dispõe sobre o estágio de estudantes.**

BRASIL. MEC. CNE. Parecer CNE/CP nº 28/2001: **Dá nova redação ao Parecer CNE/CP nº 28/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.**

BRASIL. MEC. SETEC. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005: **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.**

DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F.. Política de formação de professores no Brasil: as ciladas da reestruturação das licenciaturas. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 02, jul./dez. 2005. p. 381-406.

FAZENDA, I. C. A. O papel do estágio nos cursos de formação de professores. In: PICONEZ, S. C. B. (org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 1991.

FERNANDES, C. M. B.; SILVEIRA, D. N. da. Formação inicial de professores: desafios do estágio curricular supervisionado e territorialidades na licenciatura. In: **Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu- MG, 2007. p. 1-12.

LEITE, Y. U. F.; GHEDIN, E.; ALMEIDA, M. I. **Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

LIMA, M. S. L. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. In: **Pesquiseduca**. Santos, v. 1, n. 1, jan-jun. 2009. p. 45-48.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Tradução: Isabel Monteiro. Porto: Porto Editora, 1999.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RELA, E.; ROCHA, K.; CARVALHO, M. J. Estágio na formação de professore no contexto das novas tecnologias de informação - princípios norteadores e desafios a serem enfrentados. In: **Informática na educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 29-40. jan/jun. 2007.

SANTOS, R. de C. G. dos; BRAND, R. M. W.; ZAMPERETTI, M. P.. “Dívidas” entre Universidade e escola? Pensando o estágio como espaço-tempo de formação inicial e continuada de professores. In: **Anais do VI Congresso Internacional de Educação - Educação e Tecnologia: sujeitos (des)conectados?** São Leopoldo, RS: Casa Leiria: UNISINOS, 2009. p. 01-12.